

## **“MULHERES EM MOVIMENTO”: LAZER E EDUCAÇÃO NO ESPAÇO URBANO**

**CAVALEIRO**, Maria Cristina – CUFSA

**GT:** Movimentos Sociais e Educação / n.03

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento

*Mas como é possível observar alguma coisa deixando à parte o eu?*

*De quem são os olhos que olham?*

*Em geral se pensa que o eu é algo que nos está saliente dos olhos como o balcão de uma janela e contempla o mundo que se estende em toda sua vastidão diante dele.*

*Logo: há uma janela que se debruça sobre o mundo.*

*Do lado de lá está o mundo; mas e do lado de cá?*

*Também está o mundo: que outra coisa queríamos que fosse?*

Italo Calvino

Palomar é nome de um famoso observatório astronômico que durante muito tempo guardou o maior telescópio do mundo. Este foi o nome escolhido por Calvino (2000) para o personagem-narrador do livro que destaquei no trecho em epígrafe.

Através do olhar de Palomar, Italo Calvino vai apresentando uma realidade que se concretiza no gramado de um jardim, no movimento das ondas do mar, numa loja de queijos, no terraço e em muitas outras coisas próximas do seu cotidiano, buscando, a partir da superfície, daquilo que está aparente, chegar a vinculações que nos fazem pensar muito além das aparências. Como sempre, conduzindo sua escrita de forma metafórica, na viagem do senhor Palomar o autor conduz à reflexão da relação do homem no mundo em que vive, deixando perceber o movimento contínuo que possibilita ao homem ser construtor do mundo e de si mesmo:

*Com um pequeno esforço de concentração, Palomar consegue deslocar o mundo dali de frente e debruça-lo no balcão. Então, fora da janela que resta? Também está lá o mundo que observa e é observado. E ele, também chamado “eu”, ou seja, o senhor Palomar? Não será também ele uma parte do mundo que está olhando a outra parte do mundo? Ou antes, dado que há um mundo do lado de cá e um mundo do lado de lá da janela, talvez o eu não seja mais que a própria janela através da qual o mundo contempla o mundo. Para contemplar-se a si*

*mesmo o mundo tem necessidade dos olhos (e dos óculos) do senhor Palomar.*  
(CALVINO, 2000, p. 102)

Seguindo o caminho de Calvino, ao procurar uma forma para dar voz aos achados de algumas mulheres, fiz a opção de enfocá-las, especificamente, na participação das atividades do projeto Mulheres em Movimento<sup>1</sup>.

De forma semelhante ao senhor Palomar, que escolhe os objetos do cotidiano para contemplar e pensar sobre o que está por trás de sua aparência, direcionei meu olhar para o mundo das práticas culturais de lazer desenvolvidas por um coletivo de mulheres das camadas populares da cidade de Diadema<sup>2</sup>, que se autodenominou “Mulheres em Movimento”. Empenhadas em participar das “aulas de ginástica” oferecidas pela administração municipal diademense, esse coletivo de mulheres mobilizou-se e disputou acirradamente a expansão e ampliação da ação pública de lazer ofertada.

### **De subúrbio à cidade: a presença e a ação da mulher em Diadema**

Em suas considerações sobre o conceito de “subúrbio”, José de Souza Martins (1992) destaca que a história do ABC é uma história masculina, pois “silenciadas foram as mulheres do lugar, reclusas do lar e da vida familiar” (MARTINS, José, 1992, p. 7). O silêncio e o lugar ocupado pela mulher na história local constituem-se em uma das modalidades de marginalizações ou de inclusões precárias somadas a outras, pois, “que sentido tinha criar filhos, lavar, cozinhar, no subúrbio progressivamente dominado pela especulação econômica, especialmente a imobiliária, que desvaloriza moralmente o trabalho [...]” (MARTINS, José, 1992, p. 7).

Nas décadas de 1980 e 1990, Diadema já não tinha mais o seu cotidiano modulado predominantemente pelos ritmos e estilo de vida do subúrbio. Sua espacialidade vivia os ritmos que a direcionavam, cada vez mais, para condição de cidade de direitos. Nesse trânsito, as mulheres pertencentes as camadas populares de Diadema ocuparam papel de destaque, dada a qualidade de sua participação social nos

---

receberam a mesma denominação cunhada anteriormente pelo grupo de mulheres, encontrada inclusive em documentos impressos desse departamento (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996).

<sup>2</sup> Diadema é um das sete cidades da região do ABC Paulista, composta por Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Ribeirão Pires, Mauá e Rio Grande da Serra.

processos de transformação da “cidade dormitório” em uma “cidade saudável”, uma cidade de direitos. Distintos segmentos de mulheres daquela localidade empreenderam mobilizações, fundaram e participaram de organizações ou movimentos populares de modo a lutar pela conquista de equipamentos coletivos, melhor qualidade de vida, direitos sociais e também pela formação do Partido dos Trabalhadores e sua chegada e permanência no governo da administração municipal, desde 1983<sup>3</sup>. (ALMEIDA, 1996).

Recuperando, ainda que brevemente, os diferentes ritmos e temporalidades por que passou a cidade de Diadema, sobretudo a partir dos anos 1980, é possível afirmar que as melhorias na condição de vida conquistadas pelos seus moradores foram obtidas através das lutas sociais que empreenderam os movimentos populares e formas associativas, nos embates que travaram com o Estado e os governos na sua dimensão local. No interior desses movimentos, as mulheres estavam em cena; a presença feminina foi marcante no cenário das lutas sociais, com suas reivindicações no âmbito dos bairros; pela educação de seus filhos nas creches, na educação infantil, nas escolas de ensino fundamental e médio; pela conquista de melhorias no atendimento público de saúde; nas demandas por saneamento básico; por moradia etc. A participação de muitas delas, no contexto da rede de lutas sociais que foram gestadas no tecido social de Diadema, permitiu a potencialização de suas identidades e da ação coletiva que originou o *Mulheres em Movimento*.

Os documentos sobre esse período assim como depoimentos de algumas das protagonistas do *Mulheres em Movimento*, permitem inferir um conjunto de ações que deram destaque à tematização do lugar e do papel da mulher e dos seus direitos na esfera pública local. Se, no contexto das lutas sociais que tiveram o espaço citadino de Diadema como cenário, as mulheres emergiam como mães, donas de casa, moradoras ou trabalhadoras que disputavam a conquista de direitos para seus filhos, suas famílias, seus vizinhos ou para os moradores ou trabalhadores dos bairros em que residiam. A partir do *Mulheres em Movimento* é possível perceber uma outra forma de aparecimento das mulheres no espaço público e um deslocamento nos modos como elas próprias tematizavam a mulher, o feminino e os seus direitos. Esse sujeito coletivo emergiu no tecido urbano da cidade com um discurso feito por mulheres sobre o direito da mulher, o direito ao corpo e ao corpo feminino. A mulher e o feminino como particularidades e com necessidades específicas.

---

<sup>3</sup> Desde 1983, o Partido dos Trabalhadores não foi governo da administração local de Diadema no quadriênio 1997-2000.

Elas entraram em cena e reivindicaram para si uma atenção e uma atuação, tanto da sociedade como dos governos locais, que levassem efetivamente em conta essa nova forma de aparecimento, sua dinâmica, sua complexidade, suas demandas e anseios, no campos da saúde, da cultura, do esporte, do lazer, enfim, da participação social da mulher na esfera pública e na gestão do governo da cidade.

### **A construção da identidade do Mulheres em Movimento como sujeito coletivo**

Embora não haja estudos sistemáticos sobre as formas de agir do *Mulheres em Movimento*, as fontes pesquisadas indicam que o surgimento dessa identidade coletiva guarda vínculos estreitos com as experiências ou práticas culturais de mulheres oriundas das camadas populares de Diadema, que participavam dos Clubes de Mães existentes naquela cidade. Tais grupos se configuraram a partir da frequência de mães ou mulheres gestantes em cursos de artes manuais oferecidos pela prefeitura em unidades básicas de saúde. Tais clubes aglutinavam, ainda, donas de casa que demandavam, junto à administração municipal, ações públicas na área da educação infantil e na definição de uma política de ampliação de equipamentos de creches na cidade (GOMES, 1996).

Muitas mulheres que contribuíram para a constituição dessa ação coletiva participavam de outros círculos de ações, tais como conselhos de gestão de unidades escolares municipais e também de associações de mulheres organizadas em diferentes bairros de Diadema. Mulheres que integravam estes diferentes circuitos ou círculos de participação social tiveram papel de destaque para a constituição, em meados dos anos 1970, de um agrupamento que reivindicava o direito por praticar atividades socioculturais no campo do esporte e lazer na cidade.

As múltiplas práticas que efetivaram as mulheres diademenses que demandavam o direito por praticar atividades de lazer e esporte produziram círculos de reconhecimento de suas identidades individuais e a produção de uma identidade coletiva, pois, como admite Melucci (1991), não podemos considerar a identidade (individual ou coletiva) como uma “coisa”, como uma unidade monolítica, mas como um sistema de relações e representações. Em diversos níveis de complexidade, podemos falar de muitas identidades às quais pertencemos: a familiar, a social etc; “o que muda é o sistema de relação a que nos referimos e em respeito ao qual ocorre o reconhecimento.” (MELUCCI, 1991, p. 35, tradução nossa)

Assim, a identidade é, em alguns casos, uma relação que compreende a capacidade que têm os sujeitos de se reconhecerem e serem reconhecidos pelos outros. Para Melucci, “esta polaridade entre auto-reconhecimento e hetero-reconhecimento” (MELUCCI, 1991, p. 35, tradução nossa) articula-se, por sua vez, em duas dimensões que já emergiram como constituintes da identidade. De um lado, os sujeitos afirmam o que são, “dizem somos X ou Y, e, dessa forma, declaram a continuidade e a permanência de serem e desejarem o reconhecimento pelos outros” (MELUCCI, 1991, p. 36, tradução nossa). Pode-se chamar esta dimensão de identificação. De outro lado, os sujeitos distinguem-se de outros e pretendem “fazer reconhecer esta diversidade. Pode-se falar, então, de afirmação da diferença.” (MELUCCI, 1991, p. 36, tradução nossa)

Documento oficial do Departamento de Esporte e Lazer da prefeitura de Diadema permite recuperar as origens e os fios dessa trama que reclama o sinal da diferença: “[Em meados de 1974,] a maioria das alunas eram donas de casa e o motivo principal que as levava a procurar a ginástica não era estético, mas ocupar o tempo livre [...]” (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p. 4)

Uma análise aligeirada poderia levar à conclusão de que a demanda dessas mulheres seria diretamente decalcada das influências ditadas pela indústria cultural da moda e da proliferação das academias de ginástica no tecido urbano das grandes cidades. Contudo, o requerimento dessas mulheres pela prática da ginástica constituía-se, antes de tudo, como uma possibilidade de satisfação do direito de ocupação do tempo livre, na perspectiva da prática do lazer, tal como o concebe Marcellino (1996a)

*como cultura, entendida no seu sentido mais amplo, vivenciada – praticada, consumida ou conhecida – no tempo disponível (fora das obrigações do trabalho, da família, da religião, da política partidária), que guarda determinadas características, como a “livre” adesão e o prazer, e propiciam condições de descanso, de divertimento e desenvolvimento tanto pessoal como social.* (MARCELLINO, 1996a, p. 1-2)

Além da disputa pelo direito à ocupação do tempo disponível, as mulheres demandavam atividades de ginástica como uma possibilidade de ação preventiva ou curativa no campo da saúde, pois também se pautavam pelas “orientações médicas com relação à saúde” (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)

Nessas trajetórias, decorrentes das disputas e lutas sociais de mulheres pela apropriação e uso da cidade como um direito, elas foram tecendo uma “imensa rede de

sociabilidades que se criam, se transformam” (SPOSITO, 1993, p. 43) e geravam conflitos e tensões entre suas necessidades e anseios e as perspectivas de atuação dos gestores e técnicos dos serviços públicos de lazer e esporte da administração local diademense, que dificultavam o reconhecimento da demanda coletiva que as mulheres cunhavam. Assim, “logo de início, as *expectativas das alunas contrariavam os objetivos das aulas*, pois as propostas de aulas visavam, exclusivamente, o condicionamento físico” (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2, grifo nosso)

Contudo, o poder de pressão que exerciam sobre os gestores responsáveis pelo Departamento de Esporte e Lazer da prefeitura fez com que estes flexibilizassem suas posturas e atendessem às expectativas iniciais de tais mulheres, configurando o reconhecimento público do agrupamento que se formava. É o que se pode depreender das informações contidas em documento daquele órgão, quando seus autores lembram que, “depois, percebeu-se que era possível unir os objetivos do serviço oferecido pela ginástica feminina da Divisão de Esporte, com as expectativas das alunas” (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)

Durante os anos 1980 essa ação pública que visava a atender ao coletivo de mulheres foi-se ampliando – sobretudo em função da pressão ininterrupta – e ocorria em espaços adaptados, muitos deles pouco apropriados para atividades de lazer:

*Nos anos de 1980, a ampliação foi acontecendo por reivindicações das mães de conselhos das escolas municipais [...] apesar de toda dificuldade o importante era o atendimento, e utilizavam-se, inclusive, espaços precários para as atividades. [...] (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p. 2)*

Essas incursões foram possibilitando que o agrupamento se ampliasse e fortalecesse em sua ação pelo direito à prática da “ginástica”. A partir de suas biografias pessoais, e contando com o histórico de participação de muitas das mulheres da ginástica na rede de lutas sociais travadas na cidade, tais mulheres foram pouco a pouco, nas relações entre si e com os governos da localidade, tramando a identidade do novo sujeito coletivo. Desse modo, *[em 1991] as mulheres percebem que fazem parte de um grupo grande e não estão isoladas nas salas de aula [...] e definem um nome para o grupo: Mulheres em Movimento [...] (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p. 2)*

Neste caso específico, a polaridade que Melucci (1991) explicita haver entre o auto-reconhecimento e o hetero-reconhecimento se materializou, pois a identidade desta forma associativa foi-se fortalecendo e adquirindo visibilidade tanto para suas integrantes como no âmbito da sociedade e junto à administração municipal. Contudo,

as pressões que exerciam já não eram tributárias do esforço de um agregado de mulheres, mas de um sujeito coletivo, portador de um projeto comum ou compartilhado:

*[em 1991], diante do crescimento da demanda e das reivindicações, a administração local é pressionada a buscar resposta urgente e, mesmo sem estarem previstas em seus planejamentos orçamentários, foram construídas nove salas de ginástica distribuídas pelos bairros da cidade e aumentam o número de profissionais envolvidos nas aulas. [...] (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)*

Assim, pela participação nas atividades de lazer ou na inserção na rede de lutas existente na cidade, que o Mulheres em Movimento foi elaborando seus projetos, demandando novos quadros de socialização e outros arranjos que permitiram novas trocas, outros encontros ou diferentes arranjos de sociabilidades:

*desde que iniciaram o movimento, as mulheres reivindicavam não só a infraestrutura e materiais diversificados para as aulas, mas também atividades diversificadas e integradas com outros grupos, tais como passeios, bailes, festivais etc. (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2)*

Mediante a interação com outros projetos, individuais ou coletivos, nesse campo de possibilidades, a identidade do sujeito coletivo se firma ao mesmo tempo que se amplia, expande e diversifica as trocas sociais com outras identidades coletivas da cidade, pois

*o movimento não pára por aí, [...] Percebendo os seus direitos o grupo não se acomoda e está sempre na busca do crescimento e autonomia, pois muitas [mulheres], a partir de suas aulas [de ginástica], passam a descobrir novos grupos da cidade, como comissão de saúde, movimento de educação, participam de aulas de teatro, dança, esporte [...] recreação comunitária etc [...]. E o inverso também acontece, pois mulheres de outros grupos buscam a participação nas atividades do programa de ginástica (DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p.2, grifo nosso)*

A participação e contribuição de muitas mulheres na tessitura dessa identidade coletiva fizeram, reversivamente, com que a biografia individual de muitas delas se ampliasse e se enriquecesse: algumas delas buscaram oportunidades formais de se alfabetizarem e/ou de “darem continuidade a processos de escolarização, anteriormente interrompidos”.(DREYS; PIQUINI; NOGUEIRA, 1996, p. 2)

Em meados da década de 1990, o *Mulheres em Movimento* contava com o expressivo número de 2.650 participantes. Em 2004, este número chega a ultrapassar 4 mil mulheres<sup>4</sup>.

### **Vozes e subjetividade de atores individuais do Mulheres em Movimento**

A ação coletiva dessas mulheres foi um acontecimento social que não existiu em si, mas envolveu as percepções ou as representações que as mulheres possuíam de si mesmas, de suas relações com os outros e com o mundo, portanto, um fenômeno dotado de “ significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTTI, 2003, p. 79).

Neste artigo procuro circunscrever e analisar o significado e as percepções que algumas protagonistas do *Mulheres em Movimento* têm de sua experiência e da constituição dessa identidade coletiva. Dessa forma, optei por utilizar como recurso metodológico algumas perspectivas oferecidas pela fenomenologia, pois de acordo com Chizzotti (2003):

*A fenomenologia considera que a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis velam os fenômenos. É necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos.* (CHIZZOTTI, 2003, p. 80)

A pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver e não de definições ou conceitos; é uma compreensão voltada para os significados do perceber, para as “expressões claras que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais se expressam pelo próprio sujeito que as percebe” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 93).

O “mundo da vida” reveste-se de significação, quer como o mundo a conhecer, a dominar, a transformar, quer como o lugar de seus projetos e ações na vida do cotidiano, onde a orientação é guiada pela praticidade;.Desse maneira, “o mundo da vida” assim se constitui porque tudo pode tornar-se significativo como sustentáculo ou obstáculo à ação.

---

<sup>4</sup> Dados obtidos através de depoimentos orais durante a realização do evento Trinta Anos de Ginástica Feminina, promovido pela Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer – Departamento de Esporte e Lazer, Prefeitura de Diadema, em abril de 2004.



Tendo como perspectiva a compreensão do fenômeno investigado, ao considerar os sujeitos que o estejam vivenciando, experienciando, foram de suas descrições que recolhi aquilo que faz sentido. De acordo com Bicudo (2000),

*[...] suponhamos que o fenômeno investigado seja o luto, a dor da perda de uma pessoa próxima e querida. O sujeito significativo é aquele que está vivendo a situação de estar em luto. A ele perguntamos: como você está vivendo esse luto, o que faz, o que sente? [...]* (BICUDO, 2000, p. 74, grifo da autora)

Assim, com este enfoque visei encontrar respostas à indagação sobre os sentidos da integração e participação dessas mulheres no *Mulheres em Movimento*. Portanto, um fenômeno foi colocado em suspensão – a ação coletiva das “mulheres em movimento” – e desvendado para além das aparências, pelos significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados/observados, pois

*a investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão, como percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem.* (BICUDO, 2000, p. 74)

As descrições oferecidas pelas mulheres entrevistadas compuseram um protocolo, o primeiro momento da redução fenomenológica, circunscrevendo a experiência vivida e exposta pela linguagem.

### **Significados atribuídos pelas mulheres ao “Movimento”**

Para a totalidade dos sujeitos da pesquisa, a identidade do *Mulheres em Movimento* é tributária de múltiplos significados configurados nas práticas e experiências culturais vivenciadas no tempo disponível no campo do lazer. Quando suspendiam, ainda que temporariamente, suas tarefas cotidianas, deixavam suas “ocupações de dona de casa” e ultrapassavam as fronteiras da esfera doméstica, do universo do mundo privado, rumo ao espaço público e redefiniam aquilo que lhes falta, reelaborando individual e coletivamente as suas necessidades; formulavam percepções de que “são pessoas”, “indivíduos”. Assim, ampliavam as percepções que tinham de si mesmas; percepções essas, reducionistas que, por vezes, compartilhadas por seus companheiros: “antes tudo era só problemas com maridos e filhos”.

Além disso, verbalizavam que ao saírem de suas casas queriam se “renovar junto a outras pessoas”; conhecer “outros lugares”; sentir que “escutam e são escutadas”. Expressavam, também, a preocupação em “ajudar” e “construir juntas e criar ramificações”, demonstrando, nesse caso, que suas necessidades, num primeiro momento individuais, passavam a integrar as necessidades do grupo, pois “em movimento” participavam de novos e diversificados arranjos de sociabilidade, identificavam-se e afirmavam saber quem são. Nessa forma associativa, seus ganhos convergem para o desenvolvimento tanto individual como social.

As mulheres entrevistadas atribuíam um sentido educativo e emancipatório ao fato de integrarem e participarem dessa ação coletiva; nas referências que explicitavam o conhecimento elaborado ao fruir desta prática de lazer, afirmavam que viviam um tempo “diferente da rotina de dona de casa”; vivenciavam a “alegria extra, do descanso” e do “ânimo que isso traz para a vida”. Para essas mulheres, a participação nesse processo ampliava dimensões da vida privada permitindo vincularem-se ao coletivo e explatarem os conflitos sobre suas vidas; seus valores; as representações e o papel da mulher no universo privado e na vida pública.

### **Corpo e corporeidade: “cuidar do corpo com a ginástica”**

Ao participarem das vivências das *Mulheres em Movimentos*, suas integrantes enfatizavam, reiteradamente, os ganhos que obtinham na aprendizagem de cuidar de si, ao “movimentar o corpo” através de inúmeras gestualidades e combinações de sensações e percepções, tais como: relaxamento, executar movimentos sem medo de errar; aliviar-se das dores “mexendo” o corpo; estar mais disposta e alegre por “movimentar o corpo de um outro jeito”; experimentar a alegria de “se soltar” e apreciar-se esteticamente ao realizar movimentos nas coreografias e danças que elaboram; na possibilidade de apresentações coletivas para elas mesmas ou para um público diverso e ampliado; de não se utilizarem mais de medicamentos para sentir ânimo no desempenho das tarefas cotidianas.

Essa identidade coletiva foi se constituindo mediante a afirmação e reconhecimento sociais de suas necessidades específicas como “pensar na saúde”, “vencer a falta de ânimo”, “dispensar o uso de medicamentos”, “buscar o incentivo de outras pessoas”, “ter mais carinho”, “buscar mais paz”, “ampliar os horizontes”. Desta forma, tratavam dos desejos que expressavam a “energia vital que nos impulsiona a

entrar em contato com a realidade, com os outros; [da] energia capaz de criar e transformar a realidade (MELUCCI, 1991, p.69).

Ao cuidarem do corpo desta forma, há uma percepção dessas mulheres no que se refere, principalmente, a “sentir-se cuidando de si”, tratando “de seu corpo e da vida”, buscando percebê-los integrados, para ter “saúde e felicidade juntos”, “mexer o corpo e tratar dos problemas de coluna”, renovar o ânimo ao “movimentar o corpo de um outro jeito que sai mais feliz”. Na expressão de suas afetividades, comunicam que o medo e a alegria, a dor e o alívio, a tensão e o relaxamento, o cansaço e o ânimo, não são somente idéias e sentimentos, mas que suas lágrimas, sorrisos, respiração, calor, tremor, relaxamentos, são produzidos no corpo, permitindo que se reconheçam, para sentir que existem como individualidades (MELUCCI, 1991). O (re)conhecimento do corpo como suporte que produz sentidos para o reconhecimento da individualidade e da ação coletiva

Essa experiência corpórea, esse espaço pessoal afirmado pelas mulheres, produziu a autopercepção, um reconhecimento de si como pessoa, individualidade, sujeito e cidadã, emergindo das circunstâncias da vida social e constituindo-se em cultura corporal: o desejo da descoberta de si e da descoberta da relação com o outro, que as colocou em contato com o mundo, o desejo de criar e transformar a realidade (MELUCCI, 1991), favorecendo a descoberta de que “a relação entre os seres humanos é feita também pelos seus corpos” (MELUCCI, 1991, p. 70, tradução nossa).

Das percepções dessas mulheres, nos sentidos que atribuíam para “cuidar do corpo com a ginástica”, é possível inferir que seus “cuidados” vêm sendo constituídos num espaço onde as emoções têm reencontrado a consistência de um sentir radicado no corpo (MELUCCI, 1991), nutridas de humores, “da alegria”, de sons, “que fazem o corpo mexer solto”, de vibrações, “trabalhando a parte física, mental e espiritual”, como um encontro entre corpos e palavras (MELUCCI, 1991).

Se as descobertas dessas mulheres são o encontro de seus corpos como espaços pessoais, o campo da “consciência que nos faz diferentes dos outros” (MELUCCI, 1991, p. 70, tradução nossa), concebem-nas, portanto, num campo relacional, da relação com o outro, com a sociedade, no qual também penetram os discursos sobre os corpos, veiculados, entre outros, pelos conhecimentos da medicina que institucionaliza campos específicos para os cuidados e tratamentos destinados ao corpo, e pela indústria cultural que manifesta sua redução do corpo ao fenômeno de mercado, na moda, na venda de produtos farmacêuticos etc., um corpo submerso que serve para vender tudo, e que

demonstra que a relação cotidiana com as mensagens do corpo é também uma pedagogia da existência (MELUCCI, 1991).

Nessa gramática da existência e reconhecimento do corpo, da corporeidade, mediante atividades de lazer, a “descoberta” dessas mulheres com seus corpos que “aprendem a melhorar sem ajuda de remédios e médicos”, pode ser apreendida também como percepção de que a dor e a alegria, o desânimo e a disposição, não são apenas “sintomas” de um corpo apartado da vida, mas expressões que comunicam, pela palavra, pelo movimento, pelo gesto, pelo ritmo, ampliaram a capacidade de escutá-lo e de perceber seus sinais, de reconhecer seus limites, de rever e atualizar suas potencialidades, podendo responder porque *aprenderam* a responder-lhe (MELUCCI, 1991).

Dessa forma, nessas experiências socioeducativas propiciadas pela participação no Mulheres em Movimento, elas investem em seus corpos “para sentir melhora na vida e na saúde”, demonstrando que existe um corpo vivo, um corpo reflexivo das emoções presentes na vida, que repudia e nega o corpo asséptico da medicina (MELUCCI, 1991), produtor e disseminador de uma representação de seres mutilados, fragmentados em “partes” para serem tratadas.

Assim, pode-se afirmar que essas mulheres constroem a relação cotidiana com as mensagens de seus corpos (MELUCCI, 1991), a partir de percepções construídas nas múltiplas experiências culturais de lazer que, permitindo que as mesmas revejam e revalorizem o corpo, de processos de apropriação dos cuidados com o corpo para afirmação do cuidado de si mesmas, tratando “de seu corpo e da vida”, na medida em que realizam, com seus corpos, infindáveis movimentos individuais e coletivos.

Sem pretender classificá-las, é possível dizer que, pelos arranjos das técnicas corporais no interior dessa ação coletiva, as mulheres, prestando atenção ao corpo na vida cotidiana, “para arrumar a casa, que é ela mesma”, “para vencer a falta de vontade na vida”, elaboram possibilidades de tomar consciência daquilo que está mudando e vislumbram níveis de experiência anteriormente ignorados ou negligenciados nos conhecimentos, via de regra, produzidos pela ciência médica ou, ainda, pelas expropriações engendradas pelos modelos da indústria cultural de consumo. Nessa ação, explicitam um confronto, uma crítica à realidade “biologizada” nos consultórios médicos e às culturas do corpo veiculadas pela indústria cultural, que se transformam rapidamente em retórica para alimentar a reprodução e o consumo das academias de ginástica.

Reconhecendo-se nessa cultura corporal que fala da vida, buscando relacionar-se “para participar e aprender a se colocar como prioridade”, ao olharem para si, essas mulheres escutam os sinais de seus corpos e olham, ao mesmo tempo, para as relações sociais que predominam no espaço público, relações essas de dominação, subordinação, marginalização ou de silêncio sobre a mulher e seu corpo, sobre os diferentes e as diferenças, sobre as relações que transformam em desigualdade aquele que tem o sinal da diferença.

Afirmam que é possível haver outras formas de relação dos homens e mulheres com seus corpos e entre si; que é possível inaugurar e reproduzir relações pautadas pela solidariedade, por outros valores éticos; que homens e mulheres, mediante o conhecimento e um outro trato de seus corpos e pelos seus corpos, “podem ajudar outras pessoas”, outros cidadãos e cidadãs; a solidariedade como dimensão do direito, para si e para os outros, participando de festas, de eventos que incentivam a participação de outras mulheres, para se cuidarem, “aumentando o elo da corrente”; dessa forma, falam da convivência em todos os sentidos: “na parte física, no companheirismo e na colaboração”. Indicam as vias para a obtenção de respostas e responsabilidades individuais e coletivas.

### **Mulheres em Movimento: uma outra história das mulheres no campo do lazer e do esporte no espaço citadino**

A emergência do Mulheres em Movimento implicou, por parte dos gestores das ações públicas municipais no campo do lazer e do esporte, em Diadema, outros esforços, novas condutas, e comprometimentos, moduladas a partir de outros valores, visando alterações na definição de políticas públicas que, historicamente, foram formuladas e desenvolvidas a partir de outras premissas, outros valores que encobriram práticas de inclusão residual da mulher e não consideravam, aquilo que Marcellino (1983; 1996a) denomina de um “todo inibidor” em relação ao sexo e ao gênero, que interpõe barreiras à prática, fruição e participação cultural das mulheres.

Nesse sentido, o Mulheres em Movimento produziu a possibilidade de que mulheres, pelas atividades de lazer, da ginástica, entrassem na cena pública como protagonistas – “eu vou à luta, faço e quero” –, e não como objetos assexuados ou caricaturas masculinas reforçadas pelas políticas públicas de lazer e esporte hegemônicas. Para isso, foi preciso evidenciar a percepção de que a participação da

mulher e do feminino, que muitas vezes se inicia no que podemos chamar de âmbito comunitário – “confraternizar com todos do bairro” –, precisava se ampliar para outros níveis da ação política, e ser “um grupo muito ativo, que não olha só para o umbigo e olha para outras pessoas que estão à sua volta”. O que implicou pensar além do bairro e da circunvizinhança, indo na direção das lutas da cidade e de outras instâncias de gestão da coisa pública para “buscar coisas na ginástica e fora da ginástica” e “começar a participar”, ou seja, implicou a participação das próprias beneficiárias na definição de prioridades na gestão da cidade.

No plano do lazer como vivência, as alterações que o Mulheres em Movimento produziu, tanto se constituíram “num elo de aprendizagens coletivas” quanto induziram novos pontos de tensão e resistência, limites e avanços nas políticas públicas de lazer e esporte na cidade de Diadema.

Dessa forma, pela mediação dessa atividade pública de lazer, engendraram-se novos quadros de socialização e sociabilidades e as mulheres foram-se apropriando individual e coletivamente da cidade, tornando-a mais humana e cidadã, pois faziam valer o sinal da diferença, “de reelaborar valores ligados ao preconceito”, cravando o sinal do feminino, pois, “nas mulheres em movimento é possível sentir que é uma pessoa”, assegurando o direito à igualdade, “para expressar seus problemas sem envergonhar-se”.

No cotidiano das relações sociais em Diadema, fortemente marcado pela produção e reprodução da cultura do trabalho e do trabalhador industriais, pelas carências e pela marginalização intrínsecas ao processo de “urbanização patológica”, o sujeito coletivo *Mulheres em Movimento* circunscreveu um conjunto de ações, demandas, discursos e projetos que, no limite, implicou disputar a cidade e a vida como apropriação e não como propriedade; essas mulheres não hierarquizaram a disputa pelo direito ao lazer e, dessa maneira, gestaram mobilizações pelo desejo de serem reconhecidas, de não serem desprezadas nas disputas pelas práticas culturais de lazer.

Nesse sentido, em suas disputas, as *Mulheres em Movimento* se “fizeram fazendo a cidade”, pois, com sua presença, “abriram horizontes”, “indo à luta”, “fazendo o que querem e rompendo com o cotidiano familiar”, “cuidaram de se renovar”. Assim agindo, também cunharam, com seu “movimento”, a cidade, e induziram a realização de ações políticas públicas regidas por outros princípios. Não é a luta por creches e escolas *para seus filhos*, nem a luta por água, luz, saneamento, transporte, segurança, que, entre

outras, *têm retorno para homens e mulheres* e sempre contaram com a presença feminina.

Ao produzirem essa identidade coletiva, as mulheres tematizaram, especificamente, suas ações em um novo campo que trouxe outros temas às suas lutas na cidade, que se expressaram no domínio do público e do privado. Contudo, essa ação coletiva também produziu sua radicalidade no reconhecimento e presença de seus corpos, e direcionou demandas ao campo dos interesses presentes na esfera do lazer e do esporte, enunciando necessidades que entrelaçaram, no tempo e no espaço da cidade, o conhecimento, o afeto, o descanso, o prazer e o desejo.

É no plano do vivido, no nível da prática imediata, que o corpo, ao se “movimentar de um outro jeito” “sai mais feliz” e oferece alternativas para que as particularidades biológicas, fisiológicas, invadam a História travando lutas que podem fazê-las surgir como diferença. É aí que a luta do feminino, “como particularidade, para se estabelecer como diferença” (SEABRA, 1996, p. 75), permitiu maior fruição, maior uso da condição de mulher.

O “movimento” dessas mulheres combinou múltiplas características do princípio que o articulou, ou seja, enunciar a saída da mulher da esfera privada. Porém, em seus inúmeros trajetos e arranjos, ao possibilitar que compartilhassem e concretizassem “fazer amizades” - importante para a dona de casa”, “as coisas que ajudam a ficar alegre”, “conhecer outros lugares da cidade”, não ter “medo de errar”, para “deixar o corpo relaxar” e “ficar mais solta e feliz” - validou sinais de uma diferença positiva e os dizeres de Perrot (1984), quando esta sublinha que

*na cidade, na própria fábrica elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistências – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder enxertada sobre o seu próprio uso do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história.* (PERROT, 1988, p. 212)

## Referências

ALMEIDA, Elmir de. **Subúrbio, política cultural e identidades coletivas juvenis:** mediações de Diadema. 315 f. Dissertação (Mestrado em Didática, Teoria de Ensino e Práticas Escolares)–Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia, confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.
- CALVINO, Italo. **Palomar**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.
- DIADEMA. Departamento de Esporte e Lazer. **Projeto Mulheres em Movimento**: festival. Diadema, [1995a]. Arquivo do Centro de Memória da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, gestão 2000-2004. Mimeografado.
- DIADEMA. Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Lazer. **Diadema, uma Cidade de Direitos**, Diadema, n. 1, p. 3, set. 1995b.
- DIADEMA. Fazendo gênero. **Diadema**: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996e.
- DIADEMA. Investindo em gente. **Diadema**: revista trimestral da Prefeitura Municipal de Diadema, Diadema, ano 1, n. 3, dez. 1996h.
- DREYS, Kátia Ramos; PIQUINI, Leyla; NOGUEIRA, Maria Aparecida. **Mulheres em movimento**: programa de ginástica feminina desenvolvido na prefeitura de Diadema. Diadema, 1996. Apostila.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.
- GOMES, Marineide Oliveira. **As creches na trajetória de governos democráticos**: a experiência de Diadema-SP. 1983-1996. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Urupês, 1969. 133 p.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer, uma questão urbana**. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER, 3. Diadema, set. 1996. Mimeografado.
- MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como *poiésis*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Educ, 1989.



- MARTINS, José de Souza. **Subúrbio, vida, cotidiano, história no subúrbio da cidade de São Paulo**: São Caetano, do fim do império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MATOS, Maria Izilda de Souza. **Por uma história da mulher**. Bauru; São Paulo: Edusc, 2000.
- MELUCCI, Alberto. **Il gioco dell'io**: cambiamento di sé in una società complesse. Bolonha: Feltrinelli, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de R. di Piero. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.
- MOTTA, Alda Britto da. Familiarizando (-se com) o público e politizando o privado. In: XIMENES, Tereza (Org.). **Novos paradigmas e realidade brasileira**. Belém: Ufpa, 1993.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PINTO, Celi R. J. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SCHULTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schultz. Organização e introdução Helmut Wagner. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 71-86.
- SPOSITO, Marília Pontes. **A ilusão fecunda**: a luta por educação nos movimentos populares. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993. 398 p.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994.
- VIANNA, Cláudia. **Os nós dos "nós"**: crise e perspectiva docente da ação coletiva em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999.